





NUMA FRESCA MANHÃ de fevereiro, em 1990, Joe Pau acabava de tomar café com a esposa Elsie, quando seu *bip* soou. Anotou um número e bebeu mais alguns goles antes de deixar a mesa. Foi telefonar na sala de estar, onde não havia risco de a mulher entre ouvir algo que parecesse particularmente perigoso.

Como fazia todas as manhãs, Joe havia se pre-

Esquadrão antibombas

COLLIN PERRY

Se aquela bomba explodisse, o resultado seria uma catástrofe semelhante à de Oklahoma – a missão dele era deter o poder destruidor

parado para trabalhar às 5h30, vestindo macacão negro, botas de cano alto com solado metálico, e armado com pistola 9 mm. Os trajes pareciam inadequados para aquele homem de maneiras suaves e óculos, que lembrava um bondoso professor de Matemática do 2º Grau. Na verdade, o detetive Joe ganha a vida desarmando bombas de terroristas.

Joe soube que o Corpo de Bombeiros fora chamado para cuidar do incêndio num caminhão estacionado, carregado de tambores metálicos. Apagaram o fogo, porém, com receio de que os tambores contivessem produtos químicos perigosos, os bombeiros recuaram e chamaram a Unidade de Produtos Perigosos. A ligação seguinte foi para o esquadrão antibombas.

Joe escreveu o endereço: *Boulevard West Olympic, 11.500. Mas não é o endereço da Receita Federal?* Era.

A *Receita*, pensou Joe depois de desligar. *Poderia ser nosso amigo novamente?* A repartição tinha sido alvo de dois atentados recentes.

Sem querer perturbar Elsie, Joe voltou à cozinha e lhe disse que estava saindo para um trabalho de rotina. Qualquer tipo de emoção poderia transformar-se em perigosa dispersão. Segundos preciosos estavam passando. Sem dizer mais nada, partiu.

POLICIAIS ESPECIALIZADOS lutam contra a terrível ameaça das bombas: das monstruosas arrasa-quarteirão – capazes de matar centenas de pessoas – às cartas-bombas, produzidas com apenas uma colher de chá de explosivo cegante. As mortais geralmente são fabricadas com substâncias encontradas em armazéns e lojas de produtos de jardinagem.

De acordo com o FBI, atentados com bombas praticamente triplicaram nos Estados Unidos nos últimos dez anos. Em 1995, 2.577 explosões mataram 193 pessoas e causaram prejuízos de mais de 105 milhões de dólares. As motivações são diversas e variam do terrorismo político a rancores pessoais, ou simples busca de emoções fortes.

Além dos casos autênticos, há muitos alarmes falsos e trotes. Todos precisam ser tratados seriamente não só por técnicos especializados como Joe, como também por profissionais que trabalham com ele no esquadrão anti-bombas do Departamento de Polícia

de Los Angeles. Um embrulho enviado por namorado rejeitado, simples caixa encontrada no estacionamento subterrâneo do tribunal, maleta esquecida sob a mesa no McDonald's – todos são possíveis ameaças.

NA SEDE DO ESQUADRÃO de bombas há duas tristes recordações dos perigos que ameaçam os especialistas em explosivos a cada nova missão: retratos emoldurados dos peritos Ron Ball e Arleigh McCree.

Seria uma remoção rotineira. Como de costume, Ball tirou foto do artefato: duas *pipe bombs* (bombas de fabricação artesanal produzidas com canos cheios de explosivos) ligadas por fios. Uma delas era feita de cano galvanizado com cerca de 30 centímetros de comprimento, as duas extremidades vedadas, preso à bateria e ligado ao relógio comum de cozinha. Ninguém sabia ao certo o que havia acontecido. Para os colegas, McCree deveria estar se preparando para cortar um fio quando algo deu errado. A explosão matou os dois. Só o filme da câmera destruída de Ball conseguiu sair intacto.

Foi lição terrível para o esquadrão, formado por 14 integrantes. Agora, sempre que possível, um robô sobre quatro rodas manipula os explosivos.

QUANDO CHEGOU ao local, Joe usou binóculo para observar a velha caminhonete Dodge, ano 1974. Podia ver por que, a princípio, parecera simples incêndio. Graças a Deus que Jonathan Ix, da divisão antiterrorista, percebera que cinco tambores de 208 litros esta-

vam estranhamente sobrepostos de forma a apontar na direção do quinto andar do prédio da Receita Federal, onde trabalhavam algumas centenas de funcionários.

Joe observou que o próprio veículo fazia parte dos planos de um louco. Se a bomba fosse detonada, ele seria feito em milhares de pedaços, produzindo onda de choque que enviaria estilhaços afiados, capazes de arrasar dois quarteirões inteiros.

O DETETIVE TAMBÉM conseguiu distinguir o que parecia ser um monte de canos presos entre os tambores.

Incrível, pensou, espantado diante de toda a engenhosidade doentia que cercava o plano. *O sujeito preparou morteiros que serão disparados na direção do prédio antes da explosão principal.*

O objetivo, notou Joe, era provavelmente atrair os funcionários até as janelas com a confusão inicial. Quando a caminhonete explodisse, a chuva de vidro atingiria centenas de pessoas que não tivessem sido mortas imediatamente pelo impacto e pelo desabamento. Com a ajuda do parceiro Herb Williams, Joe continuou a avaliar a situação.

Agora, através do binóculo, o detetive podia ver que, apesar de o fogo ter sido apagado, os tambores ainda fumegavam. Tinha certeza de que um perigoso detonador ainda permanecia: esses mecanismos eram tão sensíveis à pressão quanto ao calor. Os tambores metálicos poderiam ter sido esfriados pela água das mangueiras, mas seu conteúdo ainda guardava ca-

lor e pressionava as paredes dos recipientes, fazendo com que eles estivessem estufados de forma ameaçadora.

Joe abaixou o binóculo e respirou fundo. *Deflagração retardada.* Esta situação, infelizmente muito comum, era o maior pesadelo de um perito em bombas. Acontece quando o mecanismo que aciona a bomba emperra, em virtude da ligação defeituosa, simples sujeira no cronômetro, bateria gasta ou mistura instável de explosivos. Ao tentar desarmá-la, é preciso ter em mente que ainda há risco de detonação. Ou, na pior das hipóteses, que se trate de armadilha, preparada para parecer emperrada, mas apenas esperando a chegada do perito em bombas para explodir.

Joe sabia que aquilo poderia acontecer ao menor motivo: deslocamento de ar, passos ou até mesmo a eletricidade estática das vestimentas. E não havia robô capaz de lidar com uma caminhonete. Joe teria de desarmar a bomba pessoalmente. E como não havia sentido expor outros técnicos ao mesmo risco, deveria ir sozinho.

A O COLOCAR A jaqueta de proteção, o detetive tentou examinar todas as possibilidades de armadilhas e bombas secundárias. O sujeito não era nem um pouco tolo. Os equipamentos eletrônicos empregados eram sofisticados, tudo preparado com o máximo cuidado.

Pode até ser maluco, pensou, *mas com toda a certeza não é tolo.* Os colegas de Joe impediram qualquer tipo de comunicação por rádio no perímetro. Até um *bip* poderia criar energia sufi-

ciente para disparar o detonador eletrônico.

PENSAR EM ELSIE ajudou a lhe dar coragem. Joe percebeu que seu trabalho era tão difícil para ela quanto para si mesmo. Ela, porém, sempre estivera a seu lado, aguardando pacientemente que ele telefonasse, dissesse que havia conseguido desarmar a bomba e tudo estava bem.

Sua concentração aumentava a cada instante. Sentia-se de prontidão, com a mente em foco. Havia apenas a bomba e ele. Em seguida, o detetive iniciou o que seus colegas costumam chamar de “a grande caminhada”.

Até os chamados mais rotineiros podem trazer o inesperado. Em 1989, peritos foram chamados para verificações num prédio de apartamentos, depois que um jovem morador deu entrada no pronto-socorro sem alguns dos dedos. “Foi provavelmente um morteiro”, deduziu a polícia.

No apartamento, policiais olharam pelas janelas e vislumbraram dispositivos pirotécnicos no chão da sala de estar. Dois peritos entraram, enquanto dois detetives começaram a escalar a cerca de dois metros de altura, atrás do prédio, para verificar a lixeira.

“De repente, CABUUUM!”, lembra um dos homens. “Parecia terremoto.” Todo o apartamento estava em chamas. Lá dentro, os dois peritos – ofuscados pela explosão e seriamente queimados – jaziam ao lado de um enorme buraco no chão.

APÓS ENTRAR CORRENDO e ajudar a trazer os feridos para local seguro, o

detetive Loren Wells voltou para ver se havia mais alguém no prédio. Subiu as escadas e descobriu um homem idoso ainda no apartamento. Depois de ajudá-lo a sair, Wells continuou a busca. Sem encontrar ninguém, respirou fundo e disparou pelas escadarias cobertas de fumaça.

Com o tremendo estrondo, janelas explodiram e paredes foram parar a um metro dos alicerces. Por milagre, todos sobreviveram. Por ter salvado o homem, Wells recebeu a segunda medalha por bravura. O responsável pela explosão nada aprendeu. Após ficar algum tempo na cadeia, foi libertado e abriu nova fábrica de fogos de artifício, conseguindo desta vez fazer explodir o resto da mão e perder a visão.

E agora, ameaça igualmente mortal era enfrentada por Joe Pau. A ida até o caminhão pareceu durar uma eternidade. Não ouvia nada além das batidas do coração. Estava sozinho. Um verdadeiro exército de bombeiros, policiais, paramédicos e agentes do FBI observavam e aguardavam.

NO CAMINHÃO, ELE PAROU. *Hora de trabalhar, pensou. Precisamos entender como isto funciona e como desmontar.* Em seguida, sem tocar em nada, ele se pôs de joelhos e vistoriou o chassi, à procura de fios, canos e fita adesiva. Olhou o cano de descarga, verificou as molas.

O que estou deixando de lado?, pensou. O que pode me matar?

Em seguida, observou a cabine. No assoalho, havia confusão de circuitos plásticos semiderretidos, interrupto-